

ERIC VOEGELIN CONSERVADOR? UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ERIC VOEGELIN E O CONSERVADORISMO AMERICANO BASEADA NAS CRÍTICAS AO CONCEITO DE GNOSTICISMO DE A NOVA CIÊNCIA POLÍTICA

A Conservative Voegelin? An analysis of the relationship between Eric Voegelin and American conservatism based on his criticisms of the concept of Gnosticism in the book The New Science of Politics

Mário Jorge de Paiva

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4112973866360651>

Theo Magalhães Villaça

Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6061-0615>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9806897394708433>

Resumo

O presente artigo visa realizar uma análise introdutória sobre um dos autores mais importantes de direita do século XX, logo nossa pretensão é estar em diálogo com toda uma gama de estudos sobre o tema das direitas no mundo contemporâneo. É um artigo qualitativo e hermenêutico, o qual parte de uma revisão do *estado da arte* no tema, para uma discussão sobre qual categoria conceitual ideal que melhor se enquadra Voegelin, dentro de nosso recorte de pesquisa. No texto optamos por explorar, mormente, seu livro *A nova ciência da política* e como ele trabalha com a questão do gnosticismo. A conclusão aponta para uma polissemia dos conceitos, e como dependendo dos elementos em análise, Voegelin é passível de ser enquadrado em diferentes nichos do campo da direita.

Palavras-chave: Voegelin; Conservadorismo; Direita contemporânea; Mente reacionária; Gnosticismo.

Abstract

This article aims to carry out an introductory analysis of one of the most important right-wing authors, so our intention is to be in dialogue with a whole range of studies on the theme of the right in the contemporary world. It is a qualitative and hermeneutical article, which starts from a broad review on the subject, to a discussion about the ideal conceptual category that best fits Voegelin, within our research scope. In this article, we chose to explore, mainly, his book *The New Science of Politics* and how he works with the issue



of Gnosticism. The conclusion points to the polysemy of the concepts, and how Voegelin is likely to be framed in different niches of the right-wing field.

Keywords: Voegelin; Conservatism; Contemporary right-wing; Reactionary mind; Gnosticism.

Introdução

O presente artigo estuda a direita no mundo contemporâneo, logo realiza uma análise de um campo em crescimento dentro das ciências políticas, filosofia política etc. Em que, como exemplo desse *estado da arte*, podemos citar uma ampla gama de trabalhos, que vão desde estudos sobre a direita radical, que se fortaleceu nos Estados Unidos com o governo do presidente Donald Trump, até formas de direita moderada,ⁱ como o próprio caso do conservadorismo britânico clássico e seus partidos.ⁱⁱ Uma discussão que cruza fronteiras nacionais, porque há pesquisadores que se debruçam em análises sobre o Brasil,ⁱⁱⁱ enquanto outros falam de Estados Unidos, Europa, Rússia etc. Existindo a *internet* como uma poderosa ferramenta de coesão entre diferentes formas de direita, em diferentes países.

Faz parte, então, de nossa pretensão analisar o pensamento de Eric Voegelin, enquanto um dos maiores nomes da direita anglófila do século XX,^{iv} para averiguarmos como seu pensamento se relacionava com o conservadorismo americano, principalmente no período do pós-segunda guerra mundial, marcado por um mundo de Guerra Fria e um enfrentamento contra a União Soviética.

Enquanto questão e hipótese de análise, gostaríamos de entender se classificar Voegelin como um pensador conservador faz sentido. Leva-se em conta como o *estado da arte* aponta para divergentes análises de tal escritor. Alguns o consideraram como conservador, *vide* John P. East, mas o próprio Voegelin preteriu tais análises, de East (McAllister, 2017, p. 28-29); enquanto outros, como Mark Lilla (2018), o consideraram como reacionário. Já McAllister (2017), reconhecendo seus elementos reacionários, terminou por demarcá-lo como um conservador antimoderno; ou seja, o leu como um autor conservador, mas dentro de uma chave muito específica de conservadorismo.



Nossa pesquisa é uma análise qualitativa, baseada em uma hermenêutica de um conceito, dentro de um livro específico do autor, que recortamos como material de análise; há assim um elemento de história das ideias na presente pesquisa. Usaremos um aporte amplo, para tais análises sobre termos dentro da direita,^v não perdendo de vista que estes são elementos polissêmicos. E, como autores mudam suas obras de acordo com certas conjunturas, logo muitas ideias do próprio Voegelin se alteraram com o tempo, mesmo que nosso marco principal seja seu livro *A nova ciência da política*; especialmente na relação do conceito de gnosticismo com o conceito de *imanentização do eschaton*, muito popularizado no movimento conservador americano.

Vale dizer, também, que para se entender sua adesão ou não ao pensamento conservador, se deve passar assim por sua crítica ao mundo moderno; passa então por sua discussão sobre o iluminismo, positivismo etc., uma série de tópicos, os quais não conseguiremos explorar de forma derradeira no presente artigo, mesmo que os exploremos de modo introdutório.

Metodologicamente nosso trabalho se iniciou com uma revisão do aporte sobre os temas em análise, *vide* o conceito de conservadorismo, e pela obra recordada de Voegelin. Nosso passo seguinte envolveu essa demarcação de uma questão de pesquisa, dentro do aporte: seria Voegelin um autor passível da classificação de conservador? Ou, como indicado, ele seria mais afeito ao reacionário, ou outras indicações classificatórias? Nosso passo seguinte foi uma análise da questão pela luz da hermenêutica textual, e do material selecionado, para que, mesmo de modo ideal, possamos apontar algumas conclusões sobre tal problemática.

Nosso presente investigação se divide em quatro partes. Começou pela *Introdução*. Passa então para uma segunda seção, chamada *Sobre o conceito de conservadorismo e o pós-guerra americano*, em que desvelaremos um pouco sobre como classificar e trabalhar com tal conceito; tendo em vista, por exemplo, uma definição colocada por Russell Kirk. A terceira seção será mais voltada para tal obra de Voegelin, nos aportaremos em sua crítica ao gnosticismo etc., como já apontado; seção essa chamada *A crítica de Voegelin ao gnosticismo em A nova ciência da política*. Nosso



trabalho finaliza com *Considerações finais*, em que ofereceremos maior coesão ao material apresentado, sendo o desfecho da nossa investigação.

Sobre o conceito de conservadorismo e o pós-guerra americano

Como apresentado em Mário Paiva (2021), o conceito de conservadorismo é polissêmico, logo diferentes autores o trataram de diferentes modos. Mas, grosso modo, podemos o utilizar em dois grandes sentidos, que podem se misturar também. Primeiro: o conservadorismo aparece como uma *disposição*, ou seja, deveria possuir algum elemento genérico, que cruzaria o tempo; como uma forma utilizada do conceito por Otto Maria Carpeaux (2012), ao se referir aos autores do mundo grego clássico como conservadores ou reacionários.^{vi} Segundo: o conservadorismo como uma corrente de pensamento germinado em solo inglês, voltada para o debate político do século XVIII,^{vii} em diante; envolve assim pensadores clássicos como Richard Hooker, David Hume e o próprio Edmund Burke (2012), esse último tipicamente encarado como o pai do conservadorismo moderno.

O conservadorismo se apresentaria como uma postura mais moderada, que não ia necessariamente contra o mercado moderno (cf. Paiva, 2021), ou contra uma representação política menos hierarquizada. Mesmo que se possa falar de todo um elitismo conservador e de uma crítica de Burke à democracia (Burke 2012; Paiva, 2019, 2021). E diferente seria o reacionarismo, porque se mostraria mais radical, em suas críticas às *luzes* e ao governo representativo, até em nome de uma fé religiosa.

Como aponta Coutinho (2014) ou Lilla (2018), o reacionário parece idealmente mais nostálgico em relação ao passado, enquanto o conservador desconfia das mudanças, porém sabe que muitas delas são inevitáveis, logo desejando controlar o seu ritmo; seu fim é uma manutenção das coisas boas do presente, como aponta Oakeshott (1981).

O reacionário como alguém que vê o *movimento* histórico, idealmente, como uma história de terror, com um medo de uma nova era de trevas, ou como uma punição divina (Lilla, 2018). Enquanto o conservador deseja, na verdade, conter os radicalismos dos tempos.



O conceito de conservadorismo está sujeito aos elementos de divisões internas, como mostra Marcos Quadros (2015), e proximidades com outros conceitos políticos.^{viii} Então, não soa estranho quando Quadros (2015) fala, por exemplo, de um conservadorismo mais voltado ao liberalismo, ao ceticismo ou ao reacionário.^{ix}

Quando se fala do conservadorismo americano do pós-guerra, estamos abordando uma nova geração de pensadores de direita, que revitalizaram os debates em torno de certos tópicos, inclusive diante dos medos dos tempos. Nesses termos, houve diferentes correntes de direita em tal momento, aqui podemos pensar no que Gabriel Trigueiro (2017) falou sobre a questão. Tal historiador fala de liberais,^x conservadores^{xi} e anticomunistas;^{xii} e do posicionamento diante de uma pauta de questões, como o macarthismo. Nesse quadro americano, aparece Eric Voegelin, geralmente, incluído no grupo de Kirk, Weaver e Nisbet, apesar dele mesmo não ter nascido nos Estados Unidos.

Como é sabido, a obra de Russell Kirk (cf. 2008, 2011, 2014, 2016, 2020), enquanto um grande historiador do conservadorismo americano, possuía destaque neste cenário, mesmo que tenham outros tantos conservadores de relevância anteriores, dentro da corrente anglófila, como o caso do próprio Chesterton (cf. 2012, 2018); vale também menção ao caso francês, o qual é rico em termos de direita antimoderna, não necessariamente conservadora, como mostra Antoine Compagnon (2014).

Mediante o fôlego e relevância de Kirk, usaremos a forma como ele define conservadorismo como um razoável prisma analítico aqui, mesmo que valha ressaltar, novamente, que não é uma definição final.

Para Kirk, o pensamento conservador não apresenta dogmas, tendo uma abertura ao variado, que o afastaria, por exemplo, da religião ou da ideologia. Não tendo um livro de tamanho peso como *A Bíblia*, para o cristianismo, ou *O Capital*, para o marxismo clássico. Por isso, não há um modelo conversador único, logo o conservadorismo está mais para um adjetivo, um tipo de caráter, um modo de ver o mundo, do que para um substantivo (Kirk, 2013, p. 103).

Mesmo em tal variância, Kirk aponta princípios, não definitivos, que ajudam na identificação de um conservador, e mesmo seus princípios conservadores foram passíveis de acréscimos e reflexões, ao longo de sua vida.



Listemos os princípios. Primeiro, o conservador acredita em uma ordem moral durável. Segundo, o conservador adere à convenção, à continuidade, aos costumes. Terceiro, acredita no princípio da consagração pelo uso.^{xiii} Quarto, acredita no princípio da prudência, assim voltamos para um elemento cético existente, modernamente, pelo menos desde Hume. Quinto, almeja o princípio da variedade, acredita na diversidade social, sendo contra nivelamentos impostos; um tipo de discussão, que já estava presente em Burke (2012), ao seu modo. Sexto, acredita na não perfeição da raça humana, logo não existirá sociedade perfeita. Sétimo, liberdade e propriedade são temas ligados. Oitavo, apoia grupos voluntários e livre iniciativa, um tópico que, de alguma forma, está entrelaçado com o liberalismo clássico. Nono, deseja limites para paixões e poderes humanos.^{xiv} Décimo, conservadores não são imobilistas, deve existir permanência e mudança, para uma sociedade vigorar.

Outro elemento, apontado por Kirk (2008), houve classicamente cinco escolas que disputaram com o conservadorismo. Abordando-o assim, a querela com o racionalismo, por exemplo, dos *philosophes*; o romantismo de Jean-Jacques Rousseau e seus aliados; as formas de utilitarismo; o positivismo, que possui como maior representante Auguste Comte; e o materialismo coletivista de Karl Marx e outros socialistas.^{xv}

A crítica de Voegelin ao gnosticismo em *A nova ciência da política*

A nova ciência da política se apresenta como o livro mais famoso de Voegelin, oriundo de uma palestra dada para a Fundação Walgreen. Lido e difundido por conservadores, como Russell Kirk e William Buckley Jr., é tido para alguns como um dos cinco cânones do conservadorismo americano (McAllister, 2017).^{xvi}

Sobre *A nova ciência da política*, Voegelin (1982, p. 17)^{xvii} começa por dizer que a existência do Homem na sociedade política é histórica, assim a Teoria Política é ao mesmo tempo uma Teoria da História. Fala de uma busca por estudar os símbolos pelos quais tais sociedades se interpretam, como representantes de uma verdade transcendente. Fala assim de uma restauração da ciência política, remetendo em última instância a Platão; e discute uma *degradação* da ciência política, em um instrumento de estudo do



poder. Em que seu aporte parece bastante clássico, se utilizando de Platão, Aristóteles, Agostinho e Bodin, como marcos de sua análise política.

Mas, o que ele busca como *restauração* da ciência política não pode ser considerada um simples retorno ao conteúdo específico de uma tentativa política anterior, visa o que ele chama de consciência dos princípios. Assim é impossível, por exemplo, voltar ao Platonismo ou ao Augustinismo. É uma teorização baseada no concreto de uma conjuntura histórica (Voegelin, 1982, p. 18). E, podemos incluir aqui que Voegelin diz buscar autores que viveram em tempos de crise, para nos ajudar com uma crise presente.

Fala que esse trabalho teórico é necessário, pois a consciência dos princípios foi perdida (Voegelin, 1982, p. 18). Aqui vemos um princípio ideal tipicamente reacionário, no quesito indicado por Lilla, com retomada de algum elemento *perdido* do passado, de suma importância. Também não sendo estranho, aos escritos de Lilla, esse elemento de ver o presente como decadente, *degradado*, por ter abandonado alguma tradição. O retorno não é completo, mas fica claro o desejo por um retorno parcial, enfim, mais um elemento existente em Lilla (2018).

Fala Voegelin que houve uma *destruição* da ciência, que ocorreu com o positivismo, graças ao elemento da subordinação, uma tentativa, aos tópicos técnicos de ciências naturais (Voegelin, 1982, p. 19). Mas, isso limita o Homem, enquanto seu objetivo é o enxergar como algo que envolve: corpo, alma, intelecto e espírito. Abordando a natureza humana como síntese desses domínios. Assim houve uma subordinação da pertinência teórica ao método, subverteu ciência em matéria de princípio (Voegelin, 1982, p. 19-20).

Na medida em que os *metodologistas* aceitaram os dogmas positivistas, por exemplo, os de Comte, eles participaram da *destruição* da ciência. Mesmo que o objetivo fosse tentar salvar os campos das ciências sociais da descrença, em que estavam prestes a cair; logo, quando a *episteme* se arruína, as pessoas não param de falar de política, mas pelo viés da *doxa*, aqui encarada como opiniões não críticas sobre o problema da ordem (Voegelin, 1982, p. 23). Em que a lógica imanente, desse tipo de *metodologista*, teria encontrado seu ponto máximo no trabalho de Max Weber (Voegelin, 1982, p. 24).



Pois era uma ciência que não estava em condição de dizer se alguém deveria ser liberal ou socialista. De um lado estavam os valores de ordem política, do outro uma ciência da estrutura da realidade social; em uma formulação que, mesmo que possuísse valor e um pragmatismo, de alguém que queria achar ordem, cessava ao nível de ações pragmáticas. Era uma ciência da causalidade, e não dos princípios. Era uma pertinência de criação de categorias, como, por exemplo, responsabilidade em política (Voegelin, 1982, p. 24-25).

Vale dizer, aqui, que é possível discordar de certos pressupostos de Voegelin, em tais passagens. Porque acreditar, em termos simplificados, que uma ciência deve ser uma ciência dos princípios, é algo controverso, em certos termos que ele está colocando. Muitos campos das ciências, modernamente, tentaram de modo proposital se distanciar desse tipo de lógica ideal, que se afasta do imanente. É uma discussão, em algum nível, sobre uma forma como certos elementos estão sendo valorados. Voegelin os aponta como negativos, outros cientistas os apontam como positivos; e as ciências sociais realmente foram se afastando do positivismo, mas isso também não envolveu um direcionamento para uma ciência política nos termos de Voegelin. É um tipo de lógica, de Voegelin, que mesmo certos autores conservadores, como o próprio Oakeshott, enquanto um possuidor de mais elementos céticos,^{xviii} iria discordar, acreditamos.

E, claro, o método weberiano não poderia ficar de fora da crítica de Voegelin, em que a religião e a metafísica pareciam relegadas ao segundo plano, em um *irracionalismo* do mundo como ele se encontraria (Voegelin, 1982, p. 29).^{xix}

A questão central do livro de Voegelin, como ilustrado em tal discussão com Weber, se encontra na segunda parte, onde ele estabelece seu conceito de gnosticismo, para caracterizar a modernidade ocidental. É essa análise que vai influenciar o movimento conservador norte-americano, na ala que Nash define como *tradicionalista*, que criticava o liberalismo do pós-guerra, como incapaz de defender valores morais sólidos, para fazer frente ao totalitarismo (Nash, 2006).^{xx}

Gnosticismo é originalmente uma diversidade de seitas do cristianismo primitivo, que foram compiladas e criticadas notoriamente por Irineu de Lyon, em seu *Contra as Heresias*.^{xxi} Mas, Voegelin *extrapolou* o conceito histórico desses movimentos heréticos,



e formulou o gnosticismo como uma corrente, muitas vezes subterrânea, que percorre a história da civilização ocidental. A própria forma como o autor se utiliza do termo gnosticismo está sujeita aos críticos, *vide* a ideia de que ele está distorcendo seu sentido e mesmo sendo anacrônico.

Ainda sobre o conceito de gnosticismo, Onfray (2008, p. 24-25), por exemplo, aponta como ele abrangeu um enorme período de tempo, aproximadamente do século I ao século V, mesmo que alguns vestígios gnósticos tenham aparecido na alta Idade Média. E os próprios gnósticos, segundo esse aporte teórico, não invocaram, em seus escritos filósofos, materialistas antigos. Logo, Onfray vai contra a leitura de Irineu de Lyon, dizendo que o atomismo não condiz com o gnosticismo, lendo-os como adeptos platônicos da existência de almas imateriais.

Por sua diversidade, oralidade e esoterismo não é possível descobrir um pensamento homogêneo gnóstico, mesmo que haja uma mesma *sensibilidade* (Onfray, 2008). O mal como reinante pela terra, absolutamente, logo há possibilidade de se negar o corpo ou de o afirmar etc. Não é nosso objetivo apresentar toda leitura de Onfray do gnosticismo, apenas mostrar que: primeiro, há um abismo – que, claro, o próprio Voegelin tinha ciência – entre Simão, o Mago, e Karl Marx, logo usar o mesmo conceito para os dois é uma crítica crível; segundo, mesmo essa leitura do gnosticismo, existente em Lyon ou Voegelin, pode passar por revisões e críticas, no sentido de que o *estado da arte* em certos temas e discussões já avançou bastante etc.

Outra fonte de Voegelin, além de Irineu de Lyon, é seu conterrâneo Hans Jonas. Em seu livro *A religião gnóstica*, Jonas traça algumas características gerais das seitas gnósticas. Existem quatro principais características do gnosticismo, que Jonas enumera no início do livro. Em primeiro lugar, possui uma natureza religiosa. Em segundo, não apenas se tratam de religiões, mas de religiões de salvação. Em terceiro lugar, o deus dessas religiões é transmundano e, por conseguinte, a salvação também está para além do mundo. Por fim, há um dualismo radical, que caracteriza todas as formas de gnosticismo – “Deus e o mundo, espírito e matéria, alma e corpo, luz e trevas, bem e mal, vida e morte” (Jonas, 2001, p. 31). Jonas resume, em suas palavras, que se trata de uma *religião transcendente dualística de salvação*. (Jonas, 2001, p. 32). A salvação gnóstica é buscada



na dimensão transcendente, e não na política ou na história. Como vemos, assim vale reafirmar, Voegelin extrapola essas definições, de Jonas, para encaixar modernos movimentos políticos.^{xxii}

Não é à toa que Voegelin utiliza um termo que caracteriza, originalmente, heresias cristãs. Na *Nova ciência da política*, o filósofo germano-americano expõe que, com a vitória do cristianismo, no Império Romano, ocorreu o que ele chamou de *dedivinização* do poder temporal. Ao contrário das religiões pagãs, que acreditavam que este mundo era habitado por deuses, na orientação cristã tal esfera mundana é vista como profana, ou seja, de-divinizada. A partir daí pôde surgir uma distinção entre o poder temporal e espiritual, que Santo Agostinho aplica ao histórico (Autor, 2022).^{xxiii}

Os eventos históricos na visão cristã são, entretanto, desimportantes e o fim dos tempos é um evento *suprahistórico*, assim como os eventos da criação e da reencarnação. Há uma divisão entre a *Weltgesichte*, história profana, e a *Heilsgesichte*, história sagrada (Löwith, 1949). A história profana está preocupada com o mundo dos homens, tal ordem mundana; já a história sagrada não é uma história linear, diz respeito a eventos que não necessariamente são localizados no tempo, tal qual nós o experimentamos, está preocupada com o transcendente, para além deste mundo.

Essa construção agostiniana é destruída pela especulação gnóstica que operaria uma redivinização do mundo. Os movimentos gnósticos, em tal leitura, não procuram voltar para um passado pagão. O que há é simplesmente rejeição da dimensão transcendente, que faz com que o conteúdo da esfera imanente seja dotado de sacralidade (Voegelin, 1987).

Ademais, com a negação do transcendente, a escatologia deixa de estar em um nível supra-histórico. Por isso, Eric Voegelin afirma que o gnosticismo opera uma *immanentização do eschaton*. O fim dos tempos e a chegada do Reino de Deus não estão mais para além deste mundo, e deve ser buscado nos eventos históricos. As formas gnósticas têm como objetivo estabelecer o Paraíso na Terra, já que se fecharam ao transcendente (Voegelin, 1987).

A consequência dessa construção é perigosa, na visão de Voegelin, pois com a chegada de um futuro perfeito, qualquer ação, por mais violenta e destrutiva que seja,



estará justificada. Atrocidades, *vide* os atos de violência do regime nazista, podem ser cometidas em nome de um mundo melhor (Autor, 2022).

Para ajudar na compreensão do gnosticismo para Voegelin, que inclui comunismo, nazismo, positivismo, liberalismo e outras ideologias modernas,^{xxiv} podemos ir ao agregado de símbolos que caracterizam esses movimentos, segundo o autor. O gnosticismo estava presente desde o início do Cristianismo, mas é com Joaquim de Fiori, padre calabrês do século XII, que alguns de seus símbolos emergem como forças visíveis, que dominam subsequente história do pensamento político. O agregado de símbolos de Fiori consiste em quatro elementos: primeiro, o Terceiro Reino; segundo, o líder; terceiro, o profeta; e quarto, a *Fraternidade de Pessoas Autônomas* (Voegelin, 1987, p. 89).

O primeiro elemento diz respeito a uma tripartição da história da humanidade em uma era mais primitiva; a atual, ainda com mazelas e sofrimento humano; e uma terceira era cuja vinda é iminente, e que seria superior às demais. Essa divisão da história, segundo Voegelin, foi tão abrangente e dominante, que as encontramos nos pensamentos de Hegel, Comte, Marx, na tripartição da história em Antiga, Medieval e Moderna, além das especulações do Terceiro Reich nazista. Ademais, o símbolo do Terceiro Reino diz respeito justamente à tentativa de firmar o Reino de Deus na Terra. A salvação para as ideologias modernas poderia ser obtida por meio de uma radical transformação do mundo.

O segundo símbolo, o do líder, é a figura que vai guiar a vinda do Terceiro Reino. Na explicação de Mendo Castro Henriques (2010, P. 295), o líder é uma *personalidade dirigente*. Essa especulação, segundo Voegelin, é comum na alta Idade Média, e não exclusiva de Joaquim de Fiori. Na evocação do abade calabrês havia figura do *novus dux*, “que lideraria a humanidade para longe do amor às coisas mundanas e em direção ao amor pelas coisas do espírito” (Cohn, 1970, p. 127).

A figura do profeta, o terceiro símbolo gnóstico, diz respeito ao indivíduo capaz de inteligir o movimento da história. Ou seja, o profeta é anterior ao líder, ele detém o conhecimento sobre o passado, presente e futuro, e anteviu chegada do Terceiro Reino. Para Voegelin, o profeta é, na maioria das vezes, o próprio teórico que evocou esses simbolismos gnósticos, seja textualmente ou na fala.^{xxv}



O quarto símbolo destacado é uma comunidade de indivíduos perfeitos e que não precisariam de instituições. Seria por isso que, nas especulações gnósticas, as instituições presentes são sempre vistas como corruptas, e precisam ser derrubadas, para inauguração do novo reino.

Expondo sinteticamente os quatro símbolos, o líder conduziria uma comunidade de indivíduos perfeitos ao Terceiro Reino, como anunciado pelo profeta. Segundo Voegelin, todos os movimentos gnósticos possuem esses símbolos em suas evocações.^{xxvi} Para completar o quadro simbólico, o gnosticismo moderno secularizaria a ideia de perfeição cristã, em seu componente teleológico e axiológico.^{xxvii} Isso, claro, abre margem para uma série de discussões e possíveis discordâncias, que aqui não podemos aprofundar; dificilmente um marxista clássico diria que seu aporte é uma forma secularizada de perfeição cristã, talvez, pelo elemento tão abordado do materialismo na teoria de Marx etc.

Continuemos, com essa leitura de Voegelin sobre o gnosticismo. Ao longo da história, componentes foram retirados de seu contexto cristão e aplicados em diferentes teorias. A teleologia foi modificada na ideia de progresso, muito presente nos séculos XVIII e XIX^{xxviii} (Voegelin, 1997). Uma segunda modificação é a ideia de um futuro estado de perfeição, derivado do componente axiológico.^{xxix}

Autores como Marx e Comte fazem parte de uma variação possível, a partir desses dois componentes originalmente cristãos, nessa leitura de Voegelin. É o que ele vai chamar de *misticismo ativista*, e que reúne ambos os aspectos, o teleológico e o axiológico. “[O]s dois componentes são imanentizados juntos, e se fazem presente tanto a concepção de um objetivo final quanto o conhecimento dos métodos pelos quais será cumprido.” (Voegelin, 1997, p.71).^{xxx}

Ambos os agregados simbólicos revelam que a modernidade em sua essência gnóstica é anticristã, para Voegelin. Os símbolos do cristianismo foram imanentizados, isto é, perderam sua correspondência com o transcendente. O gnosticismo moderno é para o autor, portanto, uma redivinização, que *retrocede* à conquista da orientação cristã, mas opera com símbolos dentro do cristianismo. Essa é uma das razões pelas quais Voegelin



buscou tratar a modernidade como uma heresia da civilização ocidental; algo, igualmente, passível de todo o tipo de discordância e questionamento.

A orientação cristã, que começa no Império Romano, representaria um avanço civilizacional, ao passo que as formas gnósticas representariam um decaimento. A crítica à modernidade, vista como herética, e o enaltecimento do pensamento cristão, e grego clássico, foram características que fizeram *A nova ciência da política* ser bem recebida em círculos conservadores, além da equiparação entre nazismo e comunismo, que se adequou ao contexto americano, para certa parcela da direita na Guerra Fria.

Considerações finais

O presente artigo, como visto, perpassou uma série de questões e discussões importantes, dentro dos campos que estudam direita, especialmente no que se relaciona com um conservadorismo anglófilo e com a teoria de Voegelin. Como também vimos, os conceitos podem ser considerados polissêmicos, e diferentes autores colocaram distintas leituras sobre conceitos como conservadores, reacionários etc.

Voegelin, em tais termos, entra como um pesquisador de difícil classificação, graças ao seu grande fôlego histórico, além das complexidades e nuances existentes em sua obra. Como vimos, parece simples classificar Voegelin como um autor de direita. Porém, indicar sua categoria mais específica dentro de tal grande topografia política, fica mais difícil.

Voegelin se enquadra em vários dos elementos conservadores apontados por Kirk, mas no que tange ao ceticismo político, como o existente na obra de Oakeshott, talvez ele esteja bem mais distante. Como é visto, uma série de correntes lidas como inimigas dos conservadores, por Kirk, igualmente são duramente criticadas por Voegelin; o que torna possível esse casamento, em algumas leituras. Contudo, é difícil ignorar como o pensamento de Voegelin é marcado por elementos vistos como reacionários; existe uma busca relevante de retorno, mesmo parcial, aos clássicos antigos e medievais contra o *decadentismo moderno*,^{xxxii} em algum nível. Possui, assim, uma crítica ao pragmático e



ao imanente, muitos fenômenos modernos são lidos pela luz de uma *heresia* cristã, enfim, basta ver o quão longa é sua discussão com Joaquim de Fiori. Em que, mais uma vez apontemos, um pensador materialista ideal nunca colocaria sua própria teoria nesses termos, de uma *heresia* cristã etc. Logo, em nossa leitura, é compreensível quando os comentadores o classificam como conservador ou reacionário.

Não é sem razão que sua discussão sobre o gnosticismo pode ser lida como um anacronismo, uma extensão indevida de um conceito, visto que está usando categoria dos *primórdios* do cristianismo para interpretar o mundo contemporâneo. Voegelin não foi o único autor de tal direita americana acusado de anacrônico, valendo apontar como o próprio Leo Strauss *sofreu* com esse tipo de debate, sobre suas metodologias, e tentativas de ler os antigos sem os filtros modernos etc.

Mesmo escritores associados ao campo da direita possuem discordâncias com Voegelin, como já apontamos no caso de Oakeshott e seu maior ceticismo. Outro exemplo, acrescentemos, é o filósofo britânico John Gray, que constata uma diferença entre o gnosticismo antigo e gnosticismo apresentado por Voegelin. De acordo com Gray, na maior parte de sua história, os movimentos gnósticos buscavam escapar da história e não transformá-la. Para os gnósticos antigos, o mundo não podia ser aprimorado ou aperfeiçoado. Voegelin se equivoca ao considerar a crença na transformação, por um processo histórico, como marca do gnosticismo, visto que não há melhoramento do mundo no gnosticismo antigo (Gray, 2019; Autor, 2022).

Dentro de tal campo de discussão, achamos válidas leituras que admitem essa soma entre conservadorismo e o reacionário, e tentam colocar o autor em algum tipo de *intermezzo*, ora mais conservador, ora mais reacionário. Como o colocar como um antimoderno, pois esta categoria perpassa conservadores e reacionários, ou o colocar em uma ala tradicionalista do conservadorismo, tendo em vista, que mesmo com elementos de soma, como já visto, há pontos de divergências e querelas. Enfim, reafirmemos, a rejeição de ideologias modernas é similar ao ponto político de muitos conservadores da ala tradicionalista, a qual Nash (2006) se refere.

Ademais, o filósofo alemão ainda em vida, tocou na questão do conservadorismo diretamente. Em resposta a John P. East, que tentou associar seu pensamento ao



pensamento conservador, Voegelin afirmou: “você deve confrontar o real conteúdo e propósito do meu trabalho, que não tem nada a ver com predileções conservadoras, com essas predileções ilustradas por sua seleção de citações” (Voegelin *apud* Cooper, 1999, p.130).

Voegelin assim, em vida, rejeitou a alcunha de conservador. Em suas *Reflexões autobiográficas*, o autor enumera adjetivos dos quais já foi chamado: “comunista, fascista, nacional-socialista, liberal, neoliberal, judeu, católico, protestante, platônico, neo-agostiniano, tomista e, é claro, hegeliano” (Voegelin, 2008, p. 80-81). Tantos adjetivos revelam nitidamente os distintos espectros políticos que o criticavam, considerados ideólogos por ele. Apesar da denominação conservador não aparecer na lista, podemos assumir que Voegelin *desprezava* tais atos de rotulação, percebendo nisso uma falta de compreensão da profundidade de seu trabalho.

Por tudo que já foi dito, nossa conclusão final envolve: reafirmar uma riqueza intelectual de Voegelin, como suas obras bem mostram, mas também entender seus pontos criticáveis, heterodoxos, *anacrônicos*. Entender que sua crítica à ciência política moderna parte de uma chave de leitura, que não precisamos concordar. Mas, o melhor de Voegelin pode ser essa *torção*, da discordância, que nos convida ao pensamento, refletir sobre categorias e estruturas muito *cristalizadas* e aceitas, dentro de certos campos da produção de saberes.

Referências

- Batalha, Maria Cristina. Nelson Rodrigues: persona. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.
- Bobbio, Norberto. Direita e esquerda: as razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.
- Bortolini, Alexandre. LGBTQ education, gender ideology and the new far right in Brazil. Clacls Cuny GC, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?fbclid=IwAR2utp5GQ8vm9MXBrcOxGGohiITCd_3KT9VNHawW94G54sHCcaZSOChUcpM&v=3UAYqg4DKTM&feature=youtu.be>.
- Acesso em: 5 jan. 2021.



Burke, Edmund. Reflexões sobre a revolução na França. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora, 2012.

Caiani, Manuela. Radical right-wing movements: who, when, how and why?. Socopedia.isa, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323951576_Radical_right-wing_movements_Who_when_how_and_why>. Acesso em: 26 out. 2020.

Carpeaux, Otto Maria. História da Literatura Ocidental vol 1. São Paulo: Leya, 2012.

Carvalho, José Murilo de. A construção da ordem/teatro de sombras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Castro Henriques, Mendo. A Filosofia Civil de Eric Voegelin. São Paulo: É Realizações, 2010.

Chaloub, Jorge Gomes de Souza. O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946. 2015. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Chaloub, Jorge; Perlatto, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. Anpocs, 23 out. 2015. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt19/9620-intelectuais-da-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/file>>. Acesso em: 14 set. 2019.

Chesterton, Gilbert Keith. Autobiografia. São Paulo: Ecclesiae, 2012.

_____. Ortodoxia. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

Companion, Antoine. Os antimodernos. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

Cooper, Barry. Eric Voegelin and the foundations of modern Political Science. Columbia: University of Missouri Press, 1999.

Coutinho, João Pereira. As ideias conservadoras. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

Davey, Jacob; Ebner, Julia. The fringe insurgency: connectivity, convergence and mainstreaming of the extreme right. ISD, Londres, 2017. Disponível em: <<https://www.isdglobal.org/wp-content/uploads/2017/10/The-Fringe-Insurgency-221017.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.

Empoli, Giuliano da. Os engenheiros do caos. São Paulo: Vestígio, 2020.



Fagerholm, Andreas. Comparing far right and far left parties in contemporary Europe: a set-theoretic approach. ECPR, 7 de set. 2016. Disponível em: <<https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/795cee26-7680-4436-9cc0-0f893fd2307c.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

Fausto, Ruy. Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Finguerut, Ariel; Souza, Marco Araújo Dias. Que direita é esta? As referências a Trump na nova direita brasileira pós-Michel Temer. Revista Tomo, Sergipe, n. 33, p. 229-269, 2018.

Gaston, Sophie; Paper, Briefing. Far right extremism in the populist age. Demos, 2017. Disponível em: <<https://www.demos.co.uk/wp-content/uploads/2017/06/Demos-Briefing-Paper-Far-Right-Extremism-2017.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

Gray, John. Seven types of Atheism. Penguin Books, 2019.

Jonas, Hans. The Gnostic Religion: The message of the alien god and the beginnings of christianity. Boston: Beacon Press, 2001.

Kaysel, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: Cudas, Gustavo; Cruz, Sebastião Velasco; Kaysel, André (Org.). Direita volver!. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Kirk, Russell. A era de T. S. Eliot. São Paulo: É Realizações, 2011.

Kirk, Russell. A mentalidade conservadora. São Paulo: É Realizações, 2020.

Kirk, Russell. A política da prudência. São Paulo: É Realizações, 2014.

Kirk, Russell. Edmund Burke: redescobrimo um gênio. São Paulo: É Realizações, 2016.

Kirk, Russell. The conservative mind. Tennessee: Lightning Source, 2008.

Lião, Irineu. Contra as Heresias: denúncia e refutação da falsa gnose. São Paulo: Paulus, 1995.

Löwy, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Serviço Social & Sociedade, n. 124, p. 652-664, 2015.

Lynch, Christian E. C. O caleidoscópio conservador: a presença de Edmund Burke no Brasil. In: KIRK, Russell. Edmund Burke: redescobrimo um gênio. São Paulo: É Realizações, 2016.



Lynch, Christian E. C. O pensamento conservador ibero-americano (1808-1850). Lua Nova, São Paulo, n. 74, p. 59-92, 2008.

Mannheim, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (Org.). Introdução crítica à sociologia rural. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 77-131.

McAllister, Ted. Revolta contra a modernidade. São Paulo: É Realizações, 2017.

Mercadante, Paulo. A consciência conservadora no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora, 2003.

Mudde, Cas. The ideology of the extreme right. Manchester: Manchester University Press, 2000.

Nabuco, Joaquim. Minha formação. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Nash, George H. The Conservative Intellectual Movement in America since 1945. Wilmington: ISI Books, 2006.

Oakeshott, Michael. Sobre ser conservador. In: Crespigny, Anthony de; Cronin, Jeremy (Org.). Ideologias políticas. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

Oliveira, Laís. Paulo Francis, um conservador liberal. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

Onfray, Michel. Contra-história da filosofia 2: o cristianismo hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Patschiki, Lucas. Os litores da nossa burguesia: a mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

Paula, Christiane Jalles de. O bom combate: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

Quadros, Marcos Paulo Reis dos. Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Rocha, Camila. “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.



Souza, Jamerson Murillo Anunciação de. Tendências ideológicas do conservadorismo. 2016. Tese (Doutorado em Serviço Social), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

Teitelbaum, Benjamin. Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita. São Paulo: Unicamp, 2020.

Torres, João Camillo de Oliveira. Os construtores do império. São Paulo: Brasiliense, 1968.

Trigueiro, Gabriel Romero Lyra. Neoconservadorismo *versus* paleoconservadorismo: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós-Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias. 2017. Tese (Doutorado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Voegelin, Eric. A nova ciência da política. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

Voegelin, Eric. História das Ideias Políticas. Volume IV: Renascença e Reforma. São Paulo: É Realizações, 2014

Voegelin, Eric. Reflexões Autobiográficas. São Paulo: É Realizações, 2008.

Voegelin, Eric. Science, Politics and Gnosticism: Two Essays. Washington, D.C.: Regnery Publishing, Inc., 1997

Voegelin, Eric. The Collected Works of Eric Voegelin: Volume 11: Published Essays 1940-1952. Columbia: University of Missouri Press, 2000b

Voegelin, Eric. The Collected Works of Eric Voegelin - Volume 31: Hitler and the Germans. Columbia: University of Missouri Press, 1999.

Voegelin, Eric. The New Science of Politics: an Introduction. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

Weaver, Richard. As ideias têm consequências. São Paulo: É Realizações, 2016.

ⁱ Para uma análise sobre a diferença entre direita radical e moderada, é sempre válido citar Bobbio (1995).

ⁱⁱ Cf. Cas Mudde (2000), Michael Löwy (2015), Andreas Fagerholm (2016), Sophie Gaston & Briefing Paper (2017), Jacob Davey & Julia Ebner (2017), Manuela Caiani (2017), Giuliano da Empoli (2020), Autor (2019, 2021), Jorge Chaloub & Fernando Perlatto (2015), Ruy Fausto (2017), Ariel Finguerut &



Marco Souza (2018), Marcos Paulo dos Reis Quadros (2015), Camila Rocha (2018), Jamerson Souza (2016) etc.

ⁱⁱⁱ Sobre a direita no Brasil, vale conferir: Joaquim Nabuco (2005), Gilberto Freyre (2003, 2006), Maria Batalha (2013), Alexandre Bortolini (2021), José Murilo de Carvalho (2012), Jorge Chaloub (2015), André Keyssel (2015), Lynch (2008, 2016), Paulo Mercadante (2003), Laís Oliveira (2017), Christiane Paula (2015), Lucas Patschiki (2012), Benjamin Teitelbaum (2020), João Torres (1968), Gabriel Trigueiro (2017) etc.

^{iv} Cf. Autor (2021). Anglófilo no sentido de que viveu muito tempo nos Estados Unidos, tendo tido repercussão em território norte-americano e escrito várias coisas em inglês, mesmo seu inglês não sendo perfeito, como apontam alguns comentadores.

^v Como conservadorismo, mente reacionária etc.

^{vi} Aqui outros nomes poderiam se somar, como é o próprio caso de Karl Mannheim (1981), que apresenta o conceito de tradicionalismo como uma forma que não é moderna de conservadorismo.

^{vii} Cf. Lynch (2008).

^{viii} Cf. Autor (2019, 2021)

^{ix} E um conservadorismo reacionário parece próximo ao que foi classificado como conservadorismo antimoderno, que tratamos na *Introdução*.

^x Vide Ludwig von Mises, Friedrich Hayek etc.

^{xi} Russell Kirk, Weaver (2016), Robert Nisbet etc.

^{xii} Whittaker Chambers, Frank Meyer, James Burnham, entre outros.

^{xiii} Modernos se nutrem de conhecimentos legados pela humanidade ao longo de sua história.

^{xiv} Podemos ligar isso ao ato do medo de um ator político concentrar muito poder em suas mãos.

^{xv} Em que, claro, pode haver misturas entre esses tipos políticos.

^{xvi} Segundo McAllister (2017), os cinco cânones conservadores seriam *Direito Natural e História* de Leo Strauss; *A mentalidade conservadora* de Russell Kirk; *As ideias têm consequências* de Richard Weaver; e *Community and power* de Robert Nisbet.

^{xvii} Sobre a vida e obra de Voegelin, vale conferir Voegelin (2015), não sendo nosso propósito, no presente texto, uma análise sistemática de sua vida ou obra completa.

^{xviii} Cf. Autor (2021).

^{xix} Cabe ressaltar, no entanto, que Voegelin guarda uma relação ambivalente em relação a Max Weber, autor que elogia em *Hitler e os alemães* e em *Reflexões autobiográficas*. Nessa última, Voegelin se diz influenciado pelos conceitos de Weber de ética da intenção (*Gesinnungsethik*) e ética da responsabilidade (*Verantwortungsethik*): a última assume “responsabilidade pelas consequências dos próprios atos”, não importando suas intenções. “A intenção moralizadora não justifica a imoralidade da ação” (Voegelin, 1999; Voegelin, 2008, p. 31-32).

^{xx} Vale aqui notar como Nash e Lynch (2008) trabalham de modo diferente com o conceito de tradicionalismo, o que só reforça tal ideia de que os conceitos são polissêmicos.

^{xxi} Para uma edição em português do livro de Irineu, ver Lião (1995).

^{xxii} A fim de exemplificar a *extrapolação* feita por Voegelin, é frutífero contrastar a definição de Jonas com as características enumeradas por Voegelin no livro *Ciência, política e gnosticismo*: um, o gnóstico não está satisfeito com o mundo no qual vive; dois, a culpa da insatisfação não está no indivíduo, mas no mundo, *o mundo é mal organizado*, segundo o gnóstico; três, a crença de que uma salvação é possível; quatro, a salvação será conseguida no processo histórico; cinco, a salvação é *possível por meio do esforço do próprio homem*; seis, a construção de uma fórmula para salvar o mundo, a partir de um conhecimento de tipo especial, geralmente exclusivo de um profeta (Voegelin, 1997, p.67-68).

^{xxiii} Em *O sentido da História*, Karl Löwith vê três tentativas de interpretação histórica: uma cíclica, uma cristã, e uma moderna. A visão cíclica é representada pelos gregos, e Löwith dá destaque a Políbio e Heródoto. Nessa visão, o tempo se repete em ciclos e não há um fim, a não ser que seja interpretado como o fim de um ciclo. A visão cristã, por oposição, é escatológica, ou seja, admite um fim e consequentemente um começo. Escatologia é um fim, mas também um início. É um momento de transformação que, no cristianismo, corresponde ao juízo final que inaugura um novo tempo (Löwith, 1949).

^{xxiv} Como um grande conceito, aqui nos referimos ao modo como Voegelin define gnosticismo, que abarca elementos e momentos muito diferentes, alguns até conflitantes entre si, ele possui certas complicações, em



nossa leitura de tais passagens; mesmo que isso não seja ignorar o grande fôlego histórico do autor. Apenas coloquemos dois pontos: primeiro, o liberalismo econômico, enquanto certo individualismo, certa liberdade negativa, para se proteger dos poderes políticos vigentes, está menos afeito como base de uma perfeição humana coletiva, em relação ao nazismo. Segundo, do mesmo modo, essa soma de comunismo e nazismo na mesma categoria analítica, parece ignorar uma série de diferenças entre esses conceitos.

^{xxv} Na especulação joaquimita, Joaquim de Fiori se interpreta como o profeta, que vislumbrou o movimento histórico oculto. Em sua própria evocação, ele mesmo que anuncia a vinda dos novos tempos.

^{xxvi} Apesar da equiparação de muitas ideologias como gnósticas, Voegelin admite que a ideologia nazista parece *rasa e provinciana*. As teorias marxianas e comtianas, por contraste, são mais complexas e profundas.

^{xxvii} O primeiro diz respeito a um movimento para um objetivo final, o da plena realização da natureza humana. Por ser um movimento em direção a um fim, é teleológico. O segundo componente é o do fim, o *telos* da natureza humana, que é a perfeição. O estado alcançado tem um valor mais alto que o anterior e, por isso, é axiológico. A ideia de perfeição cristã, de acordo com Voegelin, é, então, um movimento teleológico em direção a um estado superior (Voegelin, 1997).

^{xxviii} Voegelin cita Kant e Condorcet, como exemplos de autores que viram um movimento da história com uma direção. Mas, no caso de Kant, apesar de ser colocada uma sociedade cosmopolita racional como um objetivo, o processo não teria propriamente um fim.

^{xxix} O exemplo mais nítido para Voegelin, nesse caso, é o de Thomas More e seu ensaio *A utopia*, para a qual são dedicadas muitas páginas na obra voegeliana. O que caracteriza o estado de perfeição é o fim de todas as mazelas das quais o ser humano sofre. “Pobreza, doença, morte, a necessidade de trabalhar, e problemas sexuais” são listados como males que deixarão de existir no estado futuro. More, entretanto, vai além de apenas imaginar um mundo, no qual os males foram erradicados. É o primeiro autor a oferecer um quadro complexo de uma sociedade ideal em grandes detalhes, e por isso é o primeiro utópico, nessa leitura (Voegelin, 1997, p.70; Voegelin, 2000; Voegelin, 2014).

^{xxx} Os dois grandes exemplos de misticismo ativista são Marx e Comte, já vistos como exemplos de autores que imanentizaram o *eschaton*. Essa variação apresentada por Voegelin em *Ciência, política e gnosticismo* é justamente a *imanentização do eschaton*, mas reformulada sete anos depois. O *eschaton* dos movimentos gnósticos modernos diz respeito ao progresso do mundo rumo a um estado final de perfeição, ou seja, há o aspecto teleológico e axiológico.

^{xxxi} Há de se ter em conta, no entanto, que Voegelin rejeita uma visão linear da história, seja de progresso ou declínio. O decaimento em questão não é um declínio a partir de uma antiga era de ouro, mas uma negação de uma dimensão transcendente que faz com que a história profana seja dotada de uma teleologia. Ou seja, Voegelin admite um acúmulo de teorias e experiências ao longo da história, apesar de recusar a visão progressista. O autor ressalta que uma indagação comum é perceber como uma era está em progresso e declínio ao mesmo tempo, pois, ao constatar tanto o caso dos *progressistas* quanto o dos *reacionários*, pode-se concordar com ambos.

